

INFORMATIVO

Interação

INSTITUTO EUVALDO LODI



Novembro 2005

Competitividade industrial

Abrindo as portas para o mercado global

Incentivo à inovação tecnológica

Criar na indústria demanda para o apoio oficial à inovação é desafio prioritário

Ao longo do último ano, surgiram diversos novos mecanismos de incentivos oficiais às inovações nas empresas que representam, simultaneamente, grandes oportunidades e grandes desafios. Ainda que possam, em muitos aspectos, ser considerados tímidos para as necessidades do País, esses incentivos vêm na direção de reivindicações históricas do setor industrial, que há muito chama a atenção para o fato de que não existe possibilidade de desenvolvimento e inserção internacional sem inovação tecnológica e que esta ocorre, essencialmente, dentro das empresas.

Mecanismos legais recentes criaram auxílios e subvenções para atividades inovadoras promovidas por empresas e retiraram entraves para projetos desenvolvidos em parceria com universidades e instituições públicas de pesquisa. O novo marco legal também explicita a conveniência de o governo encomendar desenvolvimentos tecnológicos a empresas ou con-



FOTO: MIGUEL ÂNGELO

sórcios e rompeu um tabu histórico, abrindo a possibilidade também de subvenção direta a atividades de pesquisa e desenvolvimento em empresas privadas.

O grande desafio que se coloca agora é fazer com que as empresas conheçam e aprendam a usar esses mecanismos. É a única forma de testar sua eficácia e contribuir para o seu aperfeiçoamento. A necessidade destas iniciativas e as formas de empreendê-las foi

um dos temas centrais do último Congresso Brasileiro de Inovação na Indústria, promovido pela CNI em São Paulo, em outubro.

É fundamental que o setor empresarial tenha claro que criar dentro da indústria demanda para o apoio oficial à inovação é um desafio prioritário que permanece basicamente em suas mãos. É essencial levar o novo e complexo marco legal de estímulos à inovação para ser discutido pelos técnicos das empresas, sobretudo as de base tecnológica.

O IEL tem uma boa experiência na área, mas precisa fazer mais. Afinal, no Brasil, muitas leis jamais foram implementadas porque a realidade social não estava madura para elas. Não podemos permitir que esse seja o caso dos estímulos à inovação.



Carlos Cavalcante
Superintendente do IEL

excelência empresarial para o Brasil, colocando o País no cenário internacional, trazendo mais competitividade para nossas empresas, resultando em maior produção e produtividade e mais exportação, por exemplo”, acrescenta Uggioni.

Assim nasceu, no ano passado, o *Programa Melhores Práticas para Excelência Industrial* (PMPEI), com recursos da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). Dividido em duas partes (teórica e prática), o programa vem desenvolvendo o trabalho com 24 instituições do País, como universidades, centros de pesquisa e núcleos regionais do IEL, do Norte ao Sul. “A idéia é credenciar facilitadores para a aplicação do *benchmarking* em todo o País”, afirma Cristiane Lata, consultora de *benchmarking* industrial e responsável técnica pelo programa do IEL-SC.

Ela explica que, na primeira fase, teórica, dois técnicos de cada instituição recebem todos os conhecimentos sobre o BMK. Na parte prática (o segundo e último estágio do programa), a entidade tem que buscar empresas para aplicação da metodologia. “As instituições facilitadoras, ao final do curso, estarão aptas para fazer o *benchmarking*. Por exemplo, o IEL do Rio Grande do Sul poderá aplicar a ferramenta para as empresas do Estado”, acrescenta Cristiane.

RESULTADOS

Como o objetivo prático do *benchmarking* industrial é comparar com as líderes, permitindo a visualização de práticas de uma empresa



Cristiane: credenciar facilitadores para todo o Brasil

bem colocada no mercado, a metodologia é feita de forma detalhada. O passo a passo começa por meio de um amplo questionário com sete Indicadores de Desempenho, estratégicos para uma empresa, que engloba as principais áreas de investimento. São eles: meio ambiente, saúde e segurança; qualidade total; organização e cultura; produção enxuta; logística; desenvolvimento de novos produtos; e gestão da inovação. Uma empresa de alimentos, por exemplo, responde ao questionário e depois avalia sua posição em relação às líderes. As informações sobre as líderes estão disponíveis no banco de dados IBM/*London School*. “A partir dessa verificação, a empresa vê as oportunidades de melhoria, remanejando investimentos de uma área para outra, implementando novas práticas e vendo

performance de resultados”, afirma Cristiane.

O banco de dados é constituído por empresas com mais de 50 funcionários e com todas as sete áreas estruturadas, cujas informações são atualizadas a cada seis meses. É importante destacar que o banco de dados das líderes disponibiliza as informações relativas aos indicadores e nunca ao nome da companhia. “Ou seja, você compara a empresa a uma líder, sem saber qual o nome dela, pois são informações estratégicas ao mercado. O banco de dados é fundamentado em um contrato de sigilo”, explica Cristiane.

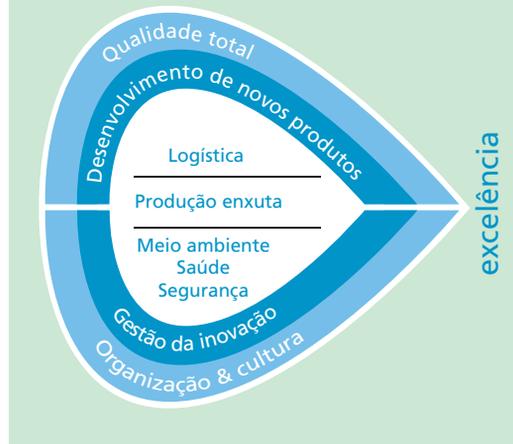
Em 2003, a Petrobras utilizou a metodologia da *London Business School* na Refinaria Presidente Getulio Vargas (Repar-Refinaria do Paraná). Na comparação, neste ano, a Repar foi considerada, no ramo da Indústria Química, empresa classe mundial, juntamente com três indústrias européias. “O *benchmarking* é um produto muito interessante, pois alavanca a melhoria contínua de processos. Em resumo, quando se compara ao mercado, vemos os pontos de melhoria e as melhores práticas”, afirma James Hahnemann, gerente de Planejamento e Controladoria da Repar. “À medida que conhecemos nosso posicionamento em relação aos líderes, vamos identificando as áreas em que nossos indicadores de desempenho estão situados, na liderança de processos e aquelas áreas em que podemos ter melhorias, pequenas ou significativas, avanços e espaços para o crescimento”,

acrescenta Ney Machado, engenheiro sênior da Petrobras. Empresas de outros setores também utilizam o BMK, em áreas como metalmecânico, metalurgia, plástico, papel e celulose e têxtil.

MELHORES PRÁTICAS

A experiência trouxe resultados tão eficientes que será replicada em mais dez refinarias da estatal, com a implementação do projeto de *benchmarking* "Eficácia das Práticas de Gestão", sob a coordenação da Gerência de Avaliação do Desempenho Empresarial da sede da Petrobras, no Rio de Janeiro, e do próprio IEL. Os representantes da estatal acreditam ainda que as empresas que aplicam o *benchmarking* deveriam "abrir seus portões" para outras do mesmo setor. "Faz parte do jogo. A empresa que se dispõe a fazer parte de estudos de *benchmarking* deve estar disposta a ensinar suas melhores práticas, assim como tem a possibilidade de aprender com as

Indicadores de desempenho utilizados no questionário do BMK



melhores práticas de outros participantes", avalia Machado.

O IEL-SC não se contenta com a importação da metodologia de *benchmarking* da IBM e com a criação de um programa específico para ensinar a aplicação do produto para outras instituições. Um objetivo em longo prazo é instituir no Brasil um próprio banco de dados, com a compilação das informações das maiores empresas e organizações

nacionais. "O Brasil teria seu próprio banco de dados, ficando independente das informações providas do exterior. Isso nos deixaria menos vulneráveis caso, por exemplo, hipoteticamente, o banco de dados que dispomos no exterior fosse extinto", afirma o superintendente do IEL-SC, Uggioni.

Um banco de dados próprio também permitiria ao setor industrial a formulação de relatórios setoriais com dados atualizados, imprescindíveis para o desenvolvimento de projetos estratégicos para um determinado segmento. Ou seja, ao

comparar empresas com as líderes, prospectam-se as melhores práticas e se fazem investimentos para melhorar a *performance* e a competitividade. Também se organizam documentos setoriais que resultam em informações preciosas para uma determinada área. O *benchmarking*, portanto, traz inúmeros benefícios para a indústria. "O projeto, ao final de tudo, eleva o nível de competitividade da indústria nacional", conclui Cristiane.

Comparação de indicador de desempenho com uma líder

Qualidade Total			Empresa Y	Líderes Mundiais	Diferença
Prática					
Q	8	Relacionamento com fornecedores	2	4,0	-2,0
OC	10	Ferramentas para resolução de problemas	3	4,0	-1,0
OC	9	Orientação para o cliente	3	3,9	-0,9
Q	1	Visão da qualidade	5	5,0	0,0
OC	5	Envolvimento dos empregados	4	3,9	0,1
Q	2	Modelos e procedimentos da qualidade	4	3,7	0,3
AD	8	Medidas de desempenho	5	4,4	0,6
OC	7	Uso sistemático de <i>benchmarking</i>	4	2,9	1,1
Média (%)			75,0	79,5	-4,5



A força da indústria brasileira no mercado internacional

O Sistema CNI e a Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial – ONUDI unem esforços para a promoção da competitividade internacional de empresas brasileiras e européias.

Com a Plataforma Brasil-Europa, são realizados projetos de promoção comercial, parcerias industriais, investimentos, prospecção de mercado e transferências de tecnologias estratégicas.

Faça parte dessa Plataforma de oportunidades!

Mais informações:
www.iel.org.br
plataforma@iel.cni.org.br

Ações para estimular a inovação

Congresso em São Paulo discute caminhos para o setor privado avançar

O que as entidades do setor empresarial podem e devem fazer para impulsionar a inovação tecnológica nas empresas. Este foi o ingrediente novo nas discussões do Congresso Brasileiro de Inovação na Indústria, que reuniu de 26 a 28 de outubro, em São Paulo, cerca de 400 empresários dos setores industriais, representantes de governo, instituições acadêmicas e de pesquisa de 25 Estados. Pela primeira vez, um evento do gênero centrou-se não apenas na discussão das políticas públicas e das formas de aperfeiçoá-las, mas bus-

cou consolidar uma pauta de ações essenciais para estimular a inovação dentro do setor privado.

PESQUISA

“As políticas públicas fazem toda a diferença, mas, quaisquer que sejam, há sempre espaço para as empresas inovarem. O congresso buscou identificar esse espaço e como as empresas devem avançar nele”, explica Maurício Mendonça, coordenador de Competitividade Industrial da CNI, entidade que organizou o congresso junto com a Federação das Indústrias

do Estado do Paraná (Fiep).

A preocupação tem razões claras. Embora as políticas públicas de incentivo à inovação ainda sejam tímidas com relação à necessidade do País, a maioria das empresas sequer as conhece. É o que mostra uma sondagem divulgada pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) no congresso.

A entidade ouviu 37 empresas paulistas, das quais 90,9% declararam ter pouca (60,6%) ou nenhuma (30,3%) informação sobre os programas governamentais de estímulo



FOTO: MIGUEL ÂNGELO

Na abertura do congresso na sede da Fiesp, a participação de Geraldo Alckmin, governador de São Paulo



A partir da esquerda: Jorge Parente (Fiec), Moreira Ferreira (CNI), Rocha Loures (Fiep), governador Geraldo Alckmin e Armando Monteiro Neto (CNI), na abertura do congresso

à inovação tecnológica. Ou seja, não conheciam ou conheciam pouco as linhas de financiamento das várias agências de fomento, as alternativas de subvenções, incentivos fiscais e bolsas. Ressalte-se que três quartos da amostra eram compostos por médias (50%) e grandes (22%) empresas, incluindo companhias do porte da Embraer, Ripasa, Cosipa, Pirelli, Ericsson e Copebras.

“Os mecanismos de incentivo são complexos e pouco divulgados, o que dificulta o acesso das empresas a eles, sobretudo das de pequeno porte. Enquanto não aperfeiçoamos esses mecanismos, cabe às entidades empresariais ajudar as empresas a trabalhar com o que existe”, diz Carlos Cavalcante, superintendente nacional do IEL.

POTENCIAIS PARCEIROS

Afinal, o interesse das empresas em inovar está crescendo. Um estudo conjunto da CNI e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), divulgado no

congresso, mostrou que 81,2% das indústrias pretendem investir em atividades de pesquisa e desenvolvimento neste ano. Em 2003, o percentual era de 70,7%. “Precisamos ajudar as empresas nisso e não se trata de elaborar cartilhas, mas de ações efetivas envolvendo técnicos de empresas e de universidades”, frisa Cavalcante.



Heloisa: é preciso articular políticas de desenvolvimento

O IEL, de fato, presta esse tipo de serviço a empresas em vários Estados, ajudando-as a fazer o diagnóstico de gargalos tecnológicos e de gestão, prospectando os potenciais parceiros capazes de colaborar no saneamento dos problemas, assessorando na elaboração dos projetos e ajudando a identificar os editais ou programas nos quais esses projetos poderiam se enquadrar. Esse apoio inclui ainda formatar o projeto cumprindo todas as exigências burocráticas e assessorar a negociação de direitos autorais entre os parceiros, no caso de desenvolvimentos tecnológicos em conjunto com universidades ou instituições de pesquisa.

Em Minas Gerais, onde a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) mantém escritório com esse perfil funcionando na sede do IEL, não só cresceu o número de projetos de inovação apresentados à agência, como o percentual de aprovações desses projetos passou de cerca de 60% para mais de 77%.

O foco do trabalho é ajudar as pequenas empresas, que têm menos estrutura para pensar em inovação. Mesmo as grandes, porém, beneficiam-se da iniciativa. A Fiat, por exemplo, fez uso do escritório. Ali, numa conversa com os representantes da empresa que vinham discutir outro projeto, os técnicos do IEL ficaram sabendo que a companhia tinha um laboratório de última geração – o único da América Latina para medir compatibilidade eletromagnética – parado há meses por falta de pessoal qualificado para operá-lo. “Propusemos que eles pedissem bolsistas ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e hoje o laboratório funciona com 15 bolsistas, que estão



FOTO: MIGUEL-ANGELO

A participação de aproximadamente 400 empresários movimentou o setor de estandes do congresso

“multiplicando conhecimento na empresa”, conta Heloísa Menezes, superintendente do IEL-MG.

OPORTUNIDADES

“É preciso ampliar esse serviço de assessoria, estendendo-o a todo o País”, frisa Cavalcante. Por isso, o IEL está avaliando ajudar as micro, pequenas e médias empresas no planejamento estratégico da inovação, monitorar e divulgar as oportunidades de financiamento, ajudar a encontrar parceiros e a formatar os projetos. “Uma iniciativa dessas articulada com as políticas de desenvolvimento regional teria grande impacto”, diz Heloísa.

Exemplo disso é o pólo mineiro de eletroeletrônica, em Santa Rita do Sapucaí. Graças a um convênio firmado entre o IEL e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), o pólo dispõe hoje de vários bolsistas, um deles responsável por apoiar as empresas nos projetos de inovação. Ele descobre os editais de interesse do pólo, divulga-os e ajuda a formatar os projetos. “Antes a gente nem ficava sabendo dos edi-

tais ou ficava sabendo tarde demais. Com a assessoria, em três anos, já pleiteamos apoio para 148 projetos”, conta o presidente do sindicato local, Roberto Pinto.

No último edital, foram aprovados nada menos que 19 dos 22 projetos apresentados. “Para muitas empresas, lançar ao menos três produtos novos ao ano é questão de sobrevivência. Muitas teriam fechado

sem o financiamento”, diz Pinto.

A AGT foi uma das beneficiadas: conseguiu financiamento do Programa Sebrae de Consultoria Tecnológica (Sebrae-Tec) para um projeto de nanotecnologia que resultou na primeira *back-light* (luz de fundo) para *displays* de cristal líquido feita no Brasil. “A *back-light* que desenvolvemos não só custa menos da metade do preço da que impor-



FOTO: DIVULGAÇÃO

No pólo de eletrônica de Santa Rita do Sapucaí bolsistas trabalham em projetos de inovação



Empresários discutem pauta de ações para estimular a inovação no setor privado

távamos como consome 25 vezes menos energia, o que permitirá usar luz de fundo em muitos produtos nos quais isso era impensável, como nas balanças digitais de feiras livres, que funcionam a bateria”, conta o diretor da empresa, Anderson Dias. Como a *back-light* representa 40% do preço

final dos produtos da AGT, a empresa deu um salto de competitividade.

DESTAQUES

Apesar da sua importância, a idéia de ampliar a ajuda às empresas para a elaboração de projetos de desenvolvimento ou capacitação

foi só um dos elementos que o congresso incluiu na lista de ações que as entidades empresariais devem assumir para impulsionar a inovação nas empresas.

“A agenda aprovada no encontro aponta como prioridade uma série de ações que o IEL já faz e outras que representam novas frentes de atuação, oportunidades e desafios para nós e outras entidades empresariais”, destaca Gina Paladino, diretora do IEL do Paraná.

O congresso destacou, por exemplo, a importância de se criarem modelos de gestão da inovação adaptados à realidade brasileira, recomendando explicitamente que se estimule a prática de *benchmarking*. O IEL tem experiência na área: desenvolveu uma metodologia que avalia a *performance* da empresa, apresentando a posição relativa que ocupa em eficiência em vários quesitos relacionados à gestão da inovação, quando comparada às melhores do mundo na sua área e do mesmo porte (veja reportagem nas páginas 3 a 5). “O congresso reconheceu a im-

Inovação tecnológica

O pólo moveleiro de Ubá, em Minas Gerais, é um excelente exemplo de como ações articuladas de incentivo à inovação por parte das lideranças empresariais podem impulsionar o crescimento acelerado. Graças à parceria, em 2004, o pólo superou todas as suas expectativas de crescimento. A despeito da retração econômica vivida pelo setor no fim do ano, o faturamento de Ubá cresceu 16% – em vez dos 10% projetados, o número de empregos aumentou 8,6%, a meta era de 3%, e a produtividade da mão-de-obra elevou-se 6%, quando o esperado era 4%. O que mais cresceu, entretanto, foi

a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), que superou em 36% a do ano anterior.

“A arrecadação cresceu mais que a produção porque o imposto é calculado sobre a margem de lucro. Como aumentamos a eficiência, produzindo mais com menos, pagamos mais ICMS”, explica o presidente do Sindicato da Indústria Moveleira do Pólo de Ubá, Rogério Gazolla. Por trás do sucesso, um único segredo: inovação implementada com planejamento estratégico, sob a coordenação do sindicato. O processo começou em 1998 e deu um salto qualitativo em 2003. Até 1997, as ações voltadas à inovação eram iniciativas pontuais e isoladas no pólo. A partir

daí, o sindicato começou a organizar fóruns, palestras e *workshops* para sensibilizar as empresas sobre a importância estratégica de inovar. Criou o Salão de *Design* e passou a promover cursos e treinamentos para a área de gestão, em parceria com outras entidades.

“Logo percebemos que as ações de incentivo à inovação tinham resultados muito desiguais nas empresas e que isso dependia da adequação da iniciativa ao nível tecnológico e de gestão de cada uma”, conta Gazolla. “Não adianta implementar programa de controle de produção numa empresa que não sabe quanto produz cada máquina.”

O sindicato desenvolveu então, junto com o Fórum de Competitividade de Ubá, uma

portância dessa ferramenta; ampliar seu uso é o desafio”, frisa Gina.

Para estimular o investimento privado em P&D, o congresso sugeriu que os centros de pesquisa façam estudos de prospecção de mercados para o setor empresarial. Nisso o IEL também tem experiência: desenvolve um projeto de observatório de vários setores da indústria exatamente para fazer essas prospecções de tendências. A pauta aprovada no encontro também recomendou ampliar e divulgar mais o trabalho da Rede de Tecnologia (Retec), o portal criado pelo IEL da Bahia para dar resposta aos problemas tecnológicos das indústrias por meio de consultorias.

PORTAL INOVAÇÃO

No próprio congresso, a Fiesp lançou seu Portal Inovação, no qual representantes de empresas e da comunidade técnico-científica poderão consultar uma base de especialistas e enviar propostas de trabalho e cooperação tecnológica. O congresso recomendou ainda que se criem bancos de projetos de desenvolvimento tec-

ferramenta que analisa todas as capacitações pelas quais as empresas já passaram, indicando o tipo de programa de inovação que cada uma está madura para fazer.

“Não se trata de excluir, mas de oferecer a capacitação adequada, obtendo o máximo resultado com cada curso promovido.”

A partir do mapeamento das necessidades de cada empresa, em 2003, o sindicato fez o levantamento dos gargalos tecnológicos e de gestão do setor, planejando 28 ações para atacá-los no ano seguinte. “Os resultados de 2004 são fruto disso. Antes catávamos papel na ventoinha e fazíamos aquela capacitação que o parceiro oferecia ou a do edital que ficávamos sabendo por acaso. Agora, com

nológico. O IEL-MG já tem o seu, que inclui tanto projetos aprovados quanto rejeitados. “Tentamos entender por que foram rejeitados e, depois de reformatados, os apresentamos novamente”, explica Heloisa.

A agenda aprovada no encontro indicou a necessidade de se buscar modelos que permitam treinamento rápido, em larga escala e a baixo custo, para todos os níveis de trabalhadores, de profissionais da produção a executivos, passando por gestores de inovação.

Para isso, recomenda-se o desenvolvimento de modelos de universidades corporativas nas federações de indústrias e no sistema CNI. Além da frutífera experiência da Universidade Corporativa do SESI e dos diversos cursos superiores do SENAI, a Universidade da Indústria (Unindus) – organização ligada ao sistema Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep) e cuja criação

planejamento estratégico, otimizamos resultados” diz Gazolla.

A estratégia criou um círculo virtuoso. Vendo resultados concretos das ações, as empresas sentem-se motivadas a apostar mais em inovação. Com mais demanda para suas atividades, o sindicato se fortalece e tem mais recursos para se capacitar e promover mais ações. “Uma ação de inovação promovida por uma entidade coletiva tem um efeito multiplicador muito maior que iniciativas individuais. Divulgamos os casos de sucesso e mostramos o caminho percorrido para chegar a ele”, diz Gazolla.

Por isso, o diretor do sindicato de Ubá considera essencial que se criem linhas de



Cavalcante: é preciso ações para ajudar as empresas

foi encabeçada pelo IEL-PR – oferece educação continuada a trabalhadores e executivos.

“No Brasil não faltam bons exemplos de inovação, falta escala e isso só será conquistado se as entidades empresariais assumirem o desafio, colocando a inovação no centro de suas preocupações. A agenda aprovada no congresso mostra essa consciência”, sintetiza Mendonça.

financiamento específicas para capacitar entidades coletivas, facilitadoras, para que possam ajudar a fazer esse planejamento estratégico da inovação para as micro e pequenas empresas. Afinal, é preciso computador, móveis e gente qualificada para isso. A capacidade de planejamento estratégico do pólo tornou-se tão forte que o sindicato já fez a previsão de quais serão, nos próximos anos, as necessidades de infra-estrutura nas áreas de telefonia fixa e móvel, esgoto, asfalto, saúde e educação. Foi feito o levantamento do que existe e uma projeção das necessidades para nortear o planejamento das prefeituras dos nove municípios da região.

Novas oportunidades de emprego

Parceria entre programas amplia chances de inserção no mercado para estudantes e profissionais

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Clara, ao centro: cursos para preparar estudantes para o mercado de trabalho

O estande Talentos em Ação, uma das atrações da 6ª Feira Industrial do Pantanal (FeipanMS), realizada entre 25 e 30 de outubro, em Campo Grande, é uma prova da versatilidade do Instituto Euvaldo Lodi de Mato Grosso do Sul (IEL-MS). O Instituto tem se destacado na intensificação das ações dos programas Estágio e Emprego, em busca de novas oportunidades para estudantes e profissionais preparados, ao mesmo tempo que torna o setor econômico estadual mais competitivo e apto a responder às

perspectivas de crescimento rápido do mercado local.

TREINAMENTOS

Além do cadastramento de estudantes e profissionais, divulgação de vagas e estágios e empregos, encaminhamentos às empresas e regularização, o IEL-MS lançou, durante a FeipanMS 2005, um pacote de *workshops* gratuitos, de orientação e atualização profissional, com os temas: Atitude no Trabalho, Auto-Estima e Motivação, Resoluções de Conflitos, Inteligência e Produtividade,

Como se Portar numa Entrevista de Seleção, Como Elaborar um Currículo, Comunicação, Trabalho em Equipe e Postura Empreendedora.

“São cursos que irão preparar tanto o estudante quanto o profissional a se destacar na nova oportunidade de trabalho”, destaca a líder do Programa Estágio do IEL-MS, Clara Rosana Piva. Segundo ela, a parceria inovadora entre os programas Estágio e Emprego tem permitido o crescimento das ações e, conseqüentemente, firmado o IEL como um dos melhores “agentes de interação” no Estado.

As inscrições para os *workshops* estão abertas e a procura tem animado seus idealizadores. Na 6ª FeipanMS, o IEL contou com a parceria do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-MS), do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI-MS) e do Serviço Social da Indústria (SESI-MS) nas palestras e cursos de orientação profissional, na área de gestão, empreendedorismo e comportamental. O número significativo de visitantes ao estande e de participação nas atividades comprova a eficácia da junção de esforços em prol do desenvolvimento de pessoal e empresarial adotada pelos técnicos do IEL-MS.

COMPORTAMENTO

Para a líder do Programa Emprego do IEL-MS, Aiesa Cristina Eidt, a parceria entre os programas Estágio e Emprego fortalecerá, sobretudo, a oferta de estágios, além de proporcionar mais serviços aos clientes da instituição, hoje estimados em mais



Aiesa: parcerias para fortalecer programa de estágio

de 2,2 mil empresas. Isso porque os estudantes passam agora pelo mesmo processo seletivo destinado aos profissionais, com realização de testes psicológicos, dinâmica de grupo, jogos de empresas, teste de conhecimento específico e entrevista.

Os candidatos aprovados nesse processo são encaminhados para contratação, enquanto os repro-

vados são direcionados para os *workshops* específicos, visando sanar as deficiências detectadas.

Aiesa adianta que a principal queixa dos empresários contra os estagiários está na área comportamental e não no quesito qualificação profissional ou curricular. “A falta de proatividade e a dificuldade na resolução de conflitos são as falhas mais frequentes dos estagiários apontadas pelos empregadores”, disse.

Para sanar esses problemas, além de reforçar os treinamentos, o IEL-MS pretende realizar em 2006 uma pesquisa com as empresas conveniadas para saber qual o perfil ideal do estagiário. O levantamento irá direcionar o planejamento dos programas Estágio e Emprego no Estado, com a meta de atender às mais de 2 mil empresas cadastradas. “Os benefícios serão para os estudantes e para a indústria, porque a busca de profissionais qualificados no mercado de trabalho é difícil e exaustiva”, avalia Aiesa.

6ª FeipanMS

As ações do IEL-MS no estande Talentos em Ação foram destaque na Feira Industrial do Pantanal deste ano – a 6ª FeipanMS –, promovida pelo sistema Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul (Fiems), de 25 a 30 de outubro, em Campo Grande.

O evento – considerado como a melhor feira de indústria do Centro-Oeste – contou com mais de 250 expositores dos segmentos industrial, comercial e de serviços, além de apresentações culturais e de lazer, palestras, lançamentos, desfiles e salão de varejo, entre outras.

O público estimado da feira foi de 70 mil pessoas e o volume de negócios fechou na cifra de R\$ 10 milhões, resultado considerado mais do que satisfatório pelo presidente do sistema Fiems, Alfredo Fernandes.

O prefeito de Campo Grande, Nelson Trad, disse que a FeipanMS é uma oportunidade única para apresentar as

potencialidades não só da cidade, mas do Estado, que ainda tem grandes perspectivas de crescimento. De fato, os três pólos empresariais da cidade estão com taxa de ocupação de quase 100% e a prefeitura está providenciando a aquisição de novas áreas para ampliar o parque industrial. Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior comprovam a vocação de crescimento do Estado: em 2005, a economia de Mato Grosso do Sul cresceu 81%, enquanto a do Brasil foi ampliada em 23%. A expectativa é de que as exportações do Estado atinjam US\$ 1 bilhão, com destaque para as vendas externas das cidades de Campo Grande, Corumbá, Três Lagoas, Iguatemi e Dourados.

Todos esses números reforçam a importância dos programas Estágio e Emprego do IEL-MS. “Empresas com profissionais qualificados e adequados para as vagas que ocupam vão garantir maior produtividade e, conseqüentemente, melhores resultados econômicos”, defende Aiesa Eidt.

Prêmio a iniciativas pelo desenvolvimento sustentável

O Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco (Lafepe), a empresa Cristófoli Equipamentos de Biossegurança e a Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) receberam o primeiro lugar no Prêmio CNI 2005, na categoria Parcerias para a Inovação, nas modalidades Universidade-Empresa, Instituto de Pesquisa-Empresa e Redes de Pesquisa Empresa, respectivamente.

O Lafepe, em parceria com o Departamento de Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), realiza projetos de pesquisa e desenvolvimento de medicamentos que envolvem doenças como as leishmanioses – causadas por protozoários na pele e nas vísceras, sendo a mais conhecida a doença de Chagas –, os anti-retrovirais, os anticancerígenos e produtos biotecnológicos.



Em Campo Mourão, no Paraná, a empresa Cristófoli desenvolve o programa Fundação Educere de Pesquisa e Desenvolvimento, por meio do qual organiza um arranjo produtivo na área de saúde. Um simulador virtual de vôos aéreos criado pela Embraer, em parceria com as universidades de São Paulo (USP) e Estadual de Campinas (Unicamp), é outro projeto premiado e que promete aumentar a produtividade e diminuir riscos da empresa.

O Prêmio CNI é realizado desde 2001 com o objetivo de reconhecer iniciativas industriais geradoras de novas tecnologias e processos que contribuem para o desenvolvimento sustentável do País.

Além da categoria Parcerias para a Inovação, que é coordenada pelo IEL, o prêmio conta com mais três: Qualidade e Produtividade (vencedoras: Musashi do Brasil, de Pernambuco; Nova Biotecnologia, de São Paulo; e Metamont, do Pará), Desenvolvimento Sustentável (ganhadoras: Magma Empreendimentos Urbanísticos, do Pará; Klabin, de São Paulo; e Kraft Foods Brasil, do Paraná) e *Design* (vencedoras: Pimentel Lopes Engenharia e Arquitetura, de Alagoas; Tukano Tecnologia e *Design*, do Ceará; e Altanova, de São Paulo).

Arranjos Produtivos é tema de encontro em Natal

Aproximadamente 200 pessoas participaram do Encontro Norte-rio-grandense sobre Arranjos Produtivos Locais (APLs), realizado no mês passado em Natal (foto). O evento, organizado pelo IEL-RN e pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), promoveu a discussão sobre a importância dos APLs na estratégia de desenvolvimento regional e crescimento sustentável do Estado. No Estado, o IEL, em parceria com o Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Pro-compi), apóia os APLs de bonés, água mineral e cerâmica.



FOTO: MORAES NETO

Gestão da inovação

As mais recentes experiências em inovação e gestão tecnológica no âmbito ibero-americano foram apresentadas no 11º Seminário Ibero-Americano de Gestão Tecnológica da Associação Latino-Ibero-Americana de Gestão Tecnológica (Altec), reali-

zado no mês passado, em Salvador (foto). Participaram do debate representantes de universidades e do setor empresarial e membros da Altec. O evento contou com o apoio da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (Fieb), por meio do IEL-BA.



FOTO: DIVULGAÇÃO

Agronegócio

A redução de aplicação de agrotóxico em cajueiros está permitindo que a pequena empresa Carnaúba Produtos Rurais, do Piauí, faça o controle de pragas com custo reduzido e menor impacto ambiental. O projeto, que faz parte da 6ª edição do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico às Micro e Pequenas Empresas (Bitec), é desenvolvido pelo estudante de Agronomia Walison Sales de Barros, da Universidade Estadual do Piauí (Uespi).

A empresa integra o distrito de irrigação Tabuleiros Litorâneos, do Departamento Nacional de Obras

contra as Secas (Dnocs) do governo federal, que pretende construir canais de irrigação em uma área de 8 mil hectares. Na região, há cerca de 70 produtores rurais que, além de caju, cultivam melancia, coco, goiaba, acerola, pinha, melão, entre outras frutas. Também estão sendo desenvolvidos programas na área de piscicultura. O estudante de Agronomia Roberleno Brito da Cunha, também da Uespi, vem desenvolvendo um projeto para a criação de camarão marinho em viveiros de água de canal de irrigação para a Fazenda Estrela Engenharia.

IEL em Petrolina

No início do próximo ano, a cidade de Petrolina, no sertão de Pernambuco, ganhará um escritório regional da Federação das Indústrias do Estado (Fiepe) e outro do IEL. Os núcleos funcionarão no Centro de Convenções da cidade e para iniciarem suas atividades só dependem das instalações físicas.

De acordo com o presidente da Fiepe, Jorge Côrte Real, a intenção é descentralizar e interiorizar as atividades da instituição no Estado. "Antes, já contávamos com escritórios no Agreste, na cidade de Caruaru; agora expandimos o atendimento aos empresários petrolinenses e estudantes, promovendo a interação entre empresas e instituições de ensino, de modo a incrementar o desenvolvimento do setor produtivo em todas as regiões do Estado", informou.

Banco de talentos

Em funcionamento há quase um ano, o Programa Gestão de Talentos, do IEL-GO, tem atraído, identificado e desenvolvido jovens recém-formados com alto potencial de liderança para o mercado de trabalho. Criado para atender à demanda latente de Goiás por profissionais preparados para fazer a gestão de projetos e equipes, hoje o programa conta com 345 candidatos, de 83 áreas diferentes.

Dos 5 mil candidatos inscritos no processo seletivo feito de julho a setembro deste ano, 90% apresentam média escolar superior a nove. No primeiro semestre deste ano, 16 talentos foram contratados em grandes empresas e, no segundo trimestre, mais seis foram inseridos no mercado de trabalho.

Vários países, um só mercado

FOTO: FELIPE CHRIST



Com a competição no mercado internacional e também no interno chegando a níveis inimagináveis há uma década, saber em qual estágio de desenvolvimento está uma empresa é pré-requisito para que ela possa ser competitiva e ter uma boa gestão. Nesse cenário, comparar-se com o vizinho não é suficiente.

O IEL de Santa Catarina orgulha-se de ter inovado ao trazer para o Estado, em 1997, a ferramenta *benchmarking* industrial, que permite a comparação das nossas companhias com aquelas que são consideradas referência internacional em seus respectivos segmentos. Até hoje a instituição é a única credenciada no Brasil para aplicar a metodologia, que permite às empresas focarem de maneira eficaz as suas estratégias e investimentos, corrigindo deficiências e valorizando os aspectos nos quais são mais competitivas.

A iniciativa é certamente uma das mais alinhadas com a missão do Instituto Euvaldo Lodi, de contribuir para o desenvolvimento sustentável da indústria catarinense, promovendo o aperfeiçoamento da gestão, a capacitação empresarial, a inovação

e a interação entre instituições de ensino/pesquisa e empresas.

Ao longo desses anos, constatamos que muitas das empresas que usaram a ferramenta confirmaram que são efetivamente competitivas. E, o melhor: algumas até já atingiram o estágio mais elevado, que é a categoria classe mundial. Claro que devemos considerar que as empresas que se submeteram a esse teste são uma amostra de empresas atentas aos novos desafios da competição global, mas até o crescente interesse pela ferramenta é um indicador de que cada vez mais as empresas se preocupam com a sua viabilidade no longo prazo.

Agora, o IEL-SC dá mais um passo pioneiro. Junto com o IEL Nacional, a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica, Movimento Brasil Competitivo (MBC) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), está credenciando instituições de todo o País para que elas apliquem a mesma metodologia. Assim, teremos, em um futuro breve, não só a ampliação das bases de comparação nesse poderoso banco de dados corporativo, mas também um aumento da competitividade nacional no mercado global, no qual o mais importante é a excelência dos produtos e serviços que uma empresa oferece, quer ela esteja na América, na Europa, na África ou na próxima esquina.

Alcantaro Corrêa

presidente do sistema Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc)

Estratégia – A Confederação Nacional da Indústria (CNI) realiza, nos dias 30 de novembro e 1º de dezembro, em Brasília, o 1º Seminário de Melhores Práticas do Sistema CNI. O intuito é compartilhar conhecimentos sobre os projetos e programas prioritários das entidades do sistema, ao mesmo tempo que subsidia a CNI na gestão das prioridades estratégicas da indústria brasileira rumo a 2015, de acordo com o definido no Mapa Estratégico da Indústria. Informações: (61) 3317-9225.

Oportunidade de negócios

– Entre os dias 14 e 17 de fevereiro de 2006, o Programa de Promoção de Investimentos da União Européia e da Comunidade de Desenvolvimento para a África Austral (SADC) promoverá o Lightengineering 2006, encontro setorial para as empresas de engenharia leve, na estância turística da Grand Baie das Ilhas Maurício, na África Austral.

A feira representa uma oportunidade de negócios entre os segmentos de instrumentos cortantes; ferramentas manuais e ferragens em geral; produtos estruturais fabricados em metal; forjamento e estampagem; miscelânea de produtos fabricados em aço, alumínio e plástico; maquinaria industrial especializada e geral; maquinaria para indústrias da refrigeração e de serviços; aparelhos industriais elétricos; peças e acessórios da indústria automotora; equipamentos analítico, óptico e de laboratório; instrumentos cirúrgicos, médicos e dentários; equipamentos de comunicação e componentes eletrônicos etc. Informações no *site* www.lightengineering2006.com